

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TIJOLOS E ESPELHOS – O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)
PARTE II – DEPOIS DA REVOLUÇÃO
24 e 27 de Março de 2023

ZEMESTAN / 2006
(“Inverno”)

Um filme de Rafi Pitts

Realização: Rafi Pitts / Argumento: Rafi Pitts, baseado num romance de Mahmoud Dowlatabadi / Direcção de Fotografia: Mohammad Davudi / Direcção Artística: Malek Jahan Khazai / Música: Hossein Alizadeh / Som: Yadolah Najafi e Nasser Shokhouhinia / Montagem: Hassan Hassandoost / Interpretação: Mitra Hajjar (Khatoun), Ali Nicksaulat (Marhab), Said Orkani (Ali Reza), Hashem Abdi (Mokhtar), Zahra Jafari (rapariga), Safari Ghassemi (avó), Valiollah Sali (patrão de Mokhtar), Hossein Hadgbegi (dono do café), etc.

Produção: Stray Cat Films / Produtor: Rafi Pitts / Cópia digital (dcp), colorida, falada em persa com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 81 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Rafi Pitts (n. 1967) é uma figura bastante singular no panorama do cinema iraniano contemporâneo, porque nele o “internacionalismo” é praticamente um factor constitutivo. Filho de pai inglês (de onde lhe vem o Pitts), deixou cedo o Irão, nos primeiros meses após o estalar da guerra com o Iraque, portanto no absoluto princípio da década de 80. O adolescente Rafi cresceu em Inglaterra, terra do seu pai, com estudos nesse país e, mais tarde, em França, onde iniciou o trabalho em cinema – encontra-se informação de que trabalhou em filmes de Jean-Luc Godard, Jacques Doillon e Léos Carax, mas sem especificar nem que filmes nem em que funções. Como realizador estreou-se em 1991 com uma curta-metragem, esperando seis anos, até 1997, para dirigir a primeira longa-metragem. Nem todos os seus filmes foram feitos no Irão – em 2002, seguiu Abel Ferrara pelas ruas nocturnas da Nova Iorque imediatamente pós-11 de Setembro, para um dos mais vibrantes episódios “modernos” da série *Cinéastes [ou Cinéma], de Notre Temps*, aliás um episódio já visto aqui na Cinemateca (**Abel Ferrara: Not Guilty**); e o seu mais recente trabalho, **Soy Nero** (de 2016), foi feito na fronteira entre o México e os Estados Unidos. Só um dos seus filmes teve estreia comercial em Portugal, **Shekarchi**, de 2010, que por cá teve o título de *Ali – o Caçador*.

O próprio Pitts relativiza a questão da sua “iraniadade”, passe o neologismo, recusando que tenha automaticamente que se inserir numa “tradição” do cinema iraniano. Declarações dele, numa entrevista dada na altura da estreia do **Zemestan** que vamos ver: *“quando faço um filme, não penso que estou a fazer ‘cinema iraniano’, isso seria de loucos. No estrangeiro, aquilo que se entende por ‘cinema iraniano’ resume-se a uma parte dele, o movimento neorrealista. O ocidente gosta de ficar com os neorrealistas e ignorar o resto, de modo que o próprio conceito de ‘cinema iraniano’ se torna uma abstracção. E de qualquer modo, para mim, qualquer cinema nacional é*

uma abstracção: quando penso em Fellini, nos Tavianis ou em Pasolini, não penso em cinema italiano, penso em indivíduos. O mesmo com Cassavetes ou Abel Ferrara: são eles ‘cinema americano’?”

E curiosamente, em **Zemestan**, que pode funcionar como um “espelho” para um filme visto aqui na primeira parte do ciclo (outra vez o tema da emigração, como em **Dar Ghorbat** de Sohrab Shadid Saless, mas agora na perspectiva dos que ficam, dos que não partem), o autor de quem mais persistentemente nos lembramos não é iraniano, mas turco: diríamos que a vizinhança poética e estilística de Rafi Pitts se encontra também na vizinhança geográfica do Irão, e no cinema do turco Nuri Bilge Ceylan, igualmente dado a este tipo de diálogo entre a meteorologia sazonal (o inverno, a sensação de frio e desconforto que percorre todo o filme) e a melancolia profunda, tão profunda que à beira da depressão, do recorte psicológico e narrativo das personagens (e não é que faça especial sentido sublinhar uma aproximação Pitts/Ceylan, mas de facto, até nas consequências desse “diálogo”, o tipo de trabalho sobre a paisagem, sobre a natureza, sobre a temporalidade, e sobre a relativa “afasia” das personagens, a sensação de vizinhança é tão forte que durante o visionamento há um ou dois momentos em que nos beliscamos e dizemos para nós próprios “não, isto não é a Turquia, não, isto não um filme do Ceylan).

Mas apesar disto, e apesar do que o próprio Pitts diz, **Zemestan** utiliza alguns procedimentos típicos do cinema iraniano, e especialmente do seu “movimento neorrealista”: o uso de não-actores, ou de actores não-profissionais. Em todo o elenco do filme, só a protagonista feminina (Mitra Hajjar) é actriz profissional, e todos os outros actores foram recrutados na rua, alguns em condições muito próximas das personagens que lhes cabe interpretar: o mecânico Marhab (Ali Nicksaulat), por exemplo, foi encontrado por Pitts a trabalhar exactamente como mecânico de automóveis, depois de uma pesquisa por “todas as oficinas da zona sul de Teerão”.

Ainda assim (outro “apesar disto”), o que Pitts procura não é aquele efeito de caos, de espiral potencialmente fora de controlo, que encontramos, de modo mais fabricado ou mais espontâneo, em muitos filmes do “movimento neorrealista” (mantemos a terminologia do realizador, também por facilidade de expressão). Antes o seu exacto oposto: **Zemestan** é um filme em que a composição, o rigor do enquadramento, a tensão construída pela duração do plano, enfim, o domínio absoluto sobre todos os elementos a excluir qualquer possibilidade de “acidente”, são os valores prevalecentes. Uma forma, de certa maneira, de “congelar” as personagens, de as enclausurar, algo ainda sublinhado, a contrario, pelos travellings e pelos movimentos de câmara que acompanham algumas caminhadas, ou pelos planos-sequência – como o derradeiro (ou praticamente derradeiro) momento do filme, um belíssimo e desoladíssimo plano assim, e talvez o momento (o comboio parado, o cadáver na linha férrea, o ajuntamento consequentemente em torno dele) em que aquela velha característica do cinema iraniano, todos os “movimentos” considerados (a angústia), mais vem ao de cima.

Luís Miguel Oliveira